

Ar de Li
n do L do 35

Rubem Braga 17/16/69

Êle se Chama Pirapora

CHAMA-SE Pirapora o meu corrupião, eu o trouxe lá da beira do São Francisco muito feio, descolorido e sem cauda. Consegui uma licença escrita para poder conduzi-lo; apesar disso, houve um chato da companhia aérea que implicou com êle na baldeação em Belo Horizonte. Queria que êle viesse no compartimento de bagagens, onde certamente morreria de frio ou de tédio. Houve muita discussão, da qual Pirapora se aproveitou para conquistar a amizade de um negro carregador, limpando-lhe carinhosamente a unha com o bico. Encanto com o passarinho, êsse carregador me ajudou a ludibriar o exigente funcionário, e fizemos boa viagem.

A princípio eu me preocupava em saber o que o bicho comia. Hoje me pergunto o que êle não come. Carne de vaca; verduras, tomate, laranja, goiaba, miolo de pão, mamão, sementes, gema de ovo, palitos de fósforos e revistas ilustradas, praticamente tudo êle come. É mesmo um pouco antropófago, porque devora qualquer pedacinho de pele da mão da gente que descobre. Os alimentos mais secos êle os põe n'água e faz uma espécie de sopinha fria. Come e descome com uma velocidade terrível; tem um metabolismo alucinado, mas respeita rigorosamente a limpeza do canudo de palha em que mora. Adora tudo o que brilha, pedras preciosas ou metais, e fica bicando essas coisas com uma teimosia insensata, como a lamentar que não sejam comestíveis. Passa horas bricando com um pedaço de barbante, mas isso parece que lhe faz um pouco mal aos nervos. Peço às damas visitantes que retirem os anéis quando se aproximam da gaiola.

Agora êle está de rabo comprido, penas negras lustrosas e penas alaranjadas vibrantes de côr. Está realmente bonito, voa um pouco pela casa todo dia e toma banho duas vezes ao dia. Enfim, tenho todos os motivos para me orgulhar de meu corrupião; e devia estar contente.

Mas a verdade é muito outra. Há um pequeno drama de família; estamos de mal.

Conheço muitas histórias de corrupião; corrupião que assobia o Hino Nacional; corrupião que só gosta de mulher, não tolera homem; corrupião que quando o dono da casa chega êle assobia até que abram a gaiola e êle pouse no ombro do homem; corrupião que passeia pelo bairro inteiro e volta para casa ao escurecer etc.

O meu não. Talvez a culpa seja minha, que o educo mal. Sei como deveria proceder com êle: movimentos sempre lentos, chantagem na base do miolo de pão, não lhe dando comida demais para que êle venha comer na mão; certa mistura de disciplina e carinho, sistema de prêmios e castigos. Enfim, aquele negócio dos reflexos condicionados.

Êle já estava bastante meu amigo quando cometi o primeiro êrro; e êle reagiu. Afastava-se de mim; se eu aproximava o dedo, êle o bicava com fôrça. Despeitado com êsse tratamento, eu devo ter sido um pouco brusco. Um dia em que êle não queria de jeito nenhum sair da gaiola eu o agarrei e o trouxe para fora à fôrça. Não gostou.

O pior é que tomei gosto em irritá-lo. Estalo os dedos sobre sua cabeça, o que o faz emitir estranhos grunhidos, enchendo o papo de vento, esticando o pescoço e dando grandes assobios; fica parecendo um galo de briga; uma gracinha. Mas com essas provocações êle foi, devagar, devagarinho, criando um certo ódio de mim.

Não, ainda não será ódio. De outras vezes êle já levou um dia inteiro, até dois, sem me dirigir a palavra e mesmo sem me olhar; mas logo o rancor sumiu de sua alminha leve, e voltamos às boas. Desta vez êle está há quatro dias completamente hostil, e minha presença o incomoda visivelmente. Por acinte trata bem qualquer pessoa estranha, o rufião. Mas creio que sua amizade é uma bem ainda recuperável.

O pior é que eu digo essas coisas assim, mas no fundo sou um pouco rancoroso, e estou criando uma certa mágoa dêsse bicho ingrato que eu trouxe da roça para a Capital da República, até cheguei a ir à teira só para comprar comidinhas melhores para êle, dei gaiola grande e bonita, uma vez gastei oitenta cruzeiros de táxi só para vir em casa livrá-lo de uma chuva súbita. Não, não sei se ainda lhe tenho a mesma estima. Nosso último incidente foi há três dias, e êle ainda hoje à tarde me tratou com uma antipatia suprema e ainda por cima se desmanchou em graças e carinhos com o boy que veio buscar a crônica.

Acho que vou dar êsse corrupião — eu despedir êsse boy.

237